

MISÉRIAS E VIRTUDES DO CONFINAMENTO: REFLEXÕES CLÍNICAS

MISERIES AND CONFINEMENT VIRTUES: CLINICAL REFLECTIONS

Gilles AMADO¹

Recebido em: 18/05/2020
Aceito em: 05/06/2020

RESUMO

Esta breve reflexão evoca a dupla face do confinamento, da crise do coronavírus, sob o ângulo clínico, introduzindo, ao mesmo tempo, o ângulo macrossocial que constitui o pano de fundo em que ocorrem vários processos psíquicos.

As observações referentes ao trabalho se aplicam sobretudo aos confinados provisórios (e não aos desempregados de longa duração), para quem a atual situação pode representar um parêntese imprevisto, doloroso para muitos, perturbador para a maioria e razoavelmente aceitável para alguns.

Palavras-chave: Confinamento. Clínica. Pandemia. Trabalho.

ABSTRACT

This brief reflection evokes the double side of confinement, of the coronavirus crisis, from a clinical perspective, while introducing, at the same time, the macrosocial perspective that constitutes the background in which various psychic processes occur.

The observations regarding labor apply mainly to provisional confines (and not to the long-term unemployed), for whom the current situation may represent an unforeseen parenting, painful for many, disturbing for the majority and reasonably acceptable for some.

Keywords: Confinement. Clinic. Pandemic. Labor.

¹ Professor emérito de psicossociologia das organizações, HEC Paris. Pesquisador associado ao Centre de Recherche sur le travail et le Developpement (CRTDO du CNAM).

1 INTRODUÇÃO

A pandemia atual mesmo que não seja totalmente comparável à peste negra de 1348 ou à gripe espanhola de 1918, haja vista a escala de suas vítimas, já demonstrou com sua excepcional velocidade de propagação, em planos macroeconômicos e sociais, sérios perigos (STRAUSS-KAHN, 2020) e dramas: a falência de um grande número de empresas expulsando milhões de trabalhadores do trabalho ou mesmo os jogando na miséria e, com eles, a evaporação de conhecimentos preciosos, o aumento e a variedade da divisão internacional do trabalho, o esgarçamento das fronteiras entre democracias e regimes autoritários, a diminuição da segurança das comunicações devido à evolução de nossas sociedades em direção a um "capitalismo digital", para usar a expressão de Daniel Cohen (2020), o reforço da insegurança social (CASTEL, 2003) e as desigualdades (quando pensamos na vida simplesmente em um espaço limitado ou nas capacidades pedagógicas desiguais nas diversas famílias para ajudar nas aulas das crianças).

No entanto, essa crise também mostrou, através da diversidade de estratégias destinadas a combatê-la, a importância da antecipação, da preparação dos sistemas e das logísticas sanitárias (cf. modelo da República Tcheca), o profissionalismo, a dedicação e a coragem das profissões de baixo status social, que são, entre outras, as cuidadoras e as enfermeiras, as empregadas domésticas, as caixas de lojas, os que trabalham nos esgotos, os coveiros... Trata-se da descoberta e do reconhecimento dessas pessoas invisíveis que testemunham uma espécie de reversão dos valores profissionais, pelo menos, a restauração de sua dignidade.

Esta pandemia apresenta, portanto, uma face dupla, uma espécie de destrutividade parcialmente criativa (Schumpeter), ilustrada à sua maneira pelos céus finalmente liberados da poluição.

2 O TRABALHO COMO DEFESA CONTRA OS TRANSTORNOS PSÍQUICOS

Se focalizarmos os efeitos do confinamento, algumas ideias do psicanalista Elliott Jaques (1955) podem ser úteis: qualquer sistema social constitui uma defesa contra a ansiedade de perseguição e ansiedade depressiva, estas, são duas formas de ansiedade presentes desde o início da vida. Esses dois mecanismos se referem ao que Mélanie Klein chama de "posições". O primeiro deles, a posição paranoica, opera por clivagem (entre o bom e o mau, por exemplo) antes que a posição depressiva introduza o "infans" no mundo da circunspeção, incerteza e complexidade, fontes potenciais de adaptação criativa ao meio ambiente. Se eu escolhi essa referência aqui e agora, é porque ela me parece se aplicar, em parte, à experiência do confinamento, ou seja, aos seus efeitos sobre as pessoas temporariamente privadas do exercício de sua atividade profissional, considerado como uma estrutura social essencial à existência. As atividades estruturantes da vida, os distanciamentos temporários produzem danos, principalmente, junto às populações que vivem de modo precário.

3 ANSIEDADE E TRANSTORNOS MENTAIS

Hoje existem muitos testemunhos da presença desses danos. Assim, uma recente pesquisa chinesa, com dados próximos de outra pesquisa semelhante na França (cujos resultados são parecidos), indicou em fevereiro, que 35% da população sofria de distúrbios psicológicos como ansiedade, fobias, distúrbios compulsivos ou dificuldades de relacionamento. Pesquisadores do *King's College London*, com base em vinte estudos, relatam sintomas significativamente altos de estresse pós-traumático quando o confinamento dura mais de dez dias (LANCET, 2020).

Medo de ser contaminado, frustração, tédio, irritabilidade, medo do futuro, raiva, fadiga, problemas de concentração, insônia, desconfiança, estão entre os afetos mais frequentes.

Diante da prevalência desses distúrbios, o psiquiatra Cyrulnik aponta a desigualdade dos seres em relação aos fatores de proteção psíquica *adquiridos*. Entre eles: a fragilidade psíquica anterior, o trauma infantil, a infância difícil, os conflitos familiares e a precariedade social.

Em outras palavras, a pandemia atual não tem o mesmo impacto em todos os seres humanos. Ela produz, sem dúvida, danos mais profundos nas populações menos protegidas socialmente, mas ela também revela ou desperta em nós, ansiedades e conflitos intra ou inter psíquicos anteriores.

Em relação a este ponto, convém insistir sobre os comprometimentos que podem ocorrer nos pactos negativos, nas alianças inconscientes (KAËS, 2014) junto aos casais e às famílias (por exemplo, para evitar assuntos de desacordos e tensões). Os equilíbrios quase-estacionários (LEWIN, 1959), a homeostase dos sistemas humanos são ameaçados pelo confinamento forçado, que antes as atividades cotidianas dos cônjuges permitiam atenuar: incompatibilidade de humor, divergências de interesses, ritmos de vida, expectativas... Pode-se então, assistir a ascensão de rupturas e violências conjugais e familiares. Elas são provavelmente mais vivas, quando o espaço de moradia é pequeno.

Tantos são os problemas, que solicita-se neste período mais ajuda de psicólogos e de psiquiatras, ao que parece, em todos os países.

Além disso, dois aspectos essenciais do trabalho são impedidos pelo confinamento. Primeiro, quando as relações sociais são agradáveis e/ou enriquecedoras: com colegas, alunos, professores, clientes, fornecedores, usuários, pacientes, colegas de equipe, grupos, etc. Pode-se imaginar nestas trocas a importância da proximidade física.

Existe ainda a criatividade, necessariamente implementada pelos trabalhadores, sem muitas vezes se darem conta, quando realizam as tarefas prescritas inventam soluções para problemas complexos ao enfrentarem o real do trabalho (AMADO *et al.*, 2017). A criatividade representa uma das fontes essenciais de autoestima, vitalidade e reconhecimento dos pares.

Esses dois aspectos da vida no trabalho põem em evidência a necessidade de estimulação intelectual e emocional, assim como o convívio que lhes acompanha. O confinamento não permite mais que ocorram da mesma maneira.

No entanto, são também esses dois aspectos que alimentam parcialmente as conversas nas famílias e, assim, contribuem para seu dinamismo.

Finalmente, se olharmos para as ansiedades paranoides, elas são um tanto inevitáveis quando tentamos encontrar uma razão para o que está acontecendo conosco, especialmente em um contexto no qual a imprecisão prevalece. Na pior das hipóteses, elas se manifestam em denúncia grosseira daqueles que violam as "medidas de com-tenção²". Elas também podem ser exploradas pelos líderes para aumentar a autoridade do poder ou podem assumir a forma mais coletiva de busca por bodes expiatórios. O aumento de proposta e ato racistas, antisemitas, homofóbicos e xenofóbicos, são testemunhas. A título anedótico, lembremos que a causa da gripe espanhola foi atribuída:

- pelos espanhóis à gripe francesa;
- pelos franceses à gripe dos Boches;
- pelos brasileiros à gripe alemã;

² Trocadilho linguístico de CONTENÇÃO com COM TENSÃO.

- pelos alemães à gripe dos Frandes
 - pelos persas aos britânicos;
 - pelos senegaleses aos brasileiros,
- e os poloneses a qualificava como “doença dos bolchevistas”.

Na atualidade, Donald Trump chama o responsável pela pandemia de “vírus chinês”.

Então, podemos nos perguntar se essa pandemia e o impedimento temporário do trabalho produzem apenas inconvenientes, problemas e miséria?

Não é bem assim, mesmo que seja importante não subestimar as tragédias que afetam os mais frágeis e os mais desmunidos. Aqui, as autoridades públicas são chamadas a desempenhar um papel decisivo, juntamente com a notável mobilização de associações e das solidariedades inter-humana mais secretas.

4 AS VIRTUDES DO IMPEDIMENTO DO TRABALHO

De fato, privação provisória do trabalho e o confinamento podem também oferecer uma série de vantagens e perspectivas. Harold Bridger, um dos fundadores do *Tavistock Institute* em Londres, às vezes implorava de modo malicioso, quando as vozes da necessária mudança pareciam estar bloqueadas: “*Making the right accident happen!*” (Fazendo acontecer o acidente certo!), como se não houvesse outro meio possível para ocorrer uma tomada de consciência. Sem afirmar que esta pandemia é um acidente “bom” (certamente não para todos), ela permite destacar aspectos potencialmente deletérios do exercício do trabalho.

Primeiramente, como sabemos, a atividade profissional pode constituir uma adição, transformando-nos em “*workaholics*” (BURKE, 2005), viciados em trabalhar, vítimas e cúmplices de escapar de si mesmo (ALDOUS HUXLEY), uma fuga que parece ser uma passagem ao ato quase patológica (AMADO, 2010). Sem estigmatizar esse “refúgio para quem não tem nada melhor para fazer”, como Oscar Wilde brincou de maneira zombeteira ou elogiando a preguiça (LAFARGUE, 1880; RUSSELL, 1932), parece que o trabalho desempenha, para alguns, o papel de objeto contra-fóbico, destinado a selar o medo do vazio ou a selar uma depressão encoberta. Fugir de si mesmo é também um perigo para os outros, se entendermos que essas pessoas, quando se encontram em uma posição de responsabilidade, geralmente tendem a exigir de seus colegas e subordinados o mesmo envolvimento que têm no trabalho.

Por fim, observemos que o extremo investimento na execução das tarefas pode fazer com que se perca de vista suas finalidades, por mais nobre que possa parecer.

Segundo, a ausência de atividade profissional *in situ*, isto é, no local de trabalho, parece reduzir certas doenças graves. A maioria dos médicos franceses notou com surpresa a diminuição de cerca de 50% nas hospitalizações por derrame e infarto no início da pandemia. A principal (e quase única) razão constatada, o medo de ir ao hospital neste momento, parece pouco convincente se a compararmos com outra hipótese: talvez seja o apagamento do contexto patogênico de certas organizações de trabalho que diminuiria os riscos de doenças graves. Realmente, para aqueles que estão na categoria de desemprego parcial, diminui a pressão sobre o desempenho, o estresse gerado pelas horas de transporte, as relações complicadas com a hierarquia e vários colegas, o espírito de competição, a luta pelo poder, o assédio moral e até o institucional (veja o veredito do julgamento da France Telecom em dezembro de 2019 após numerosos suicídios). Além disso, existe a ausência de espaço privado (os *open spaces*) e vigilância oculta, Tateando o controle de sua atividade e do seu tempo. Muitas dessas

"desvantagens" não intervêm com os teletrabalhadores. Sejam cuidadosos, no entanto: sabemos que derrame e infarto são significativamente mais frequentes entre os desempregados do que na população "ativa".

Para muitos trabalhadores, a atividade profissional impede que atividades sejam escolhidas. Ela constitui uma obrigação por falta de algo melhor, um ganha pão, muitas vezes muito longe das atividades sonhadas e/ou disponíveis. É assim que a epidemia atual revela o significado de muitas atividades de prazer: bricolagem, jardinagem, pintura, iniciação à música, visita a museus, assistir conferências, concertos, filmes e documentários pela internet, jogos em família, participação na vida associativa, aprendizado de novas atividades, geralmente relegadas na vida cotidiana ao *status* de lazer. Esse confinamento forçado também dá origem a todos os tipos e formas de criatividade (de convívio, humor, pictórica, musical, etc.) que testemunham a existência de talentos desconhecidos, do apetite lúdico, de surpreendentes movimentos de solidariedade.

Essa escassez do trabalho, que freia a urgência e o frenesi a ação, pode, portanto, ser acompanhada de uma (re)descoberta das pessoas próximas a você, seus vizinhos, das necessidades de seu próprio corpo, do aprofundamento ou restabelecimento de vínculos com amigos, o reexame de suas prioridades, aumento da tolerância à incerteza e complexidade, reavivamento da posição depressiva colocada “a serviço da vida” (GAMMILL, 2007) para combater os desvios paranoicos que nos envolvem. O retorno a si e aos outros, em direção à intimidade, é o que oferece também o momento atual.

Esse confinamento forçado permite, se necessário, destacar a dimensão protetora (embora equívoca) e vital do trabalho, oferecendo involuntariamente um tipo de espaço social e psíquico “transicional” (AMADO; AMBROSE, 2001) convidando a revisitar as modalidades da própria existência, a se questionar as forças que se exercem sobre ela, podendo tirar ensinamentos úteis para todos.

Para terminar essa breve reflexão, um rápido retorno à história: no centro da luta incessante entre Eros e Thanatos, a peste que devastou Florença em 1348, deu nascimento, pouco tempo depois, à primeira obra-prima em prosa, ao *Decameron* de Boccace (2010), escrita entre 1349 e 1351, odes ao amor e à comédia humana imortal. Ela coloca em cena personagens burgueses, artesãos ou operários castigando os vícios dos poderosos (economistas, políticos, religiosos), desmascarando as misérias dos homens mais degradantes para poder coroar o esplêndido elogio da generosidade e da virtude. O grande sucesso desta obra junto da sociedade da nova Europa e do mundo inteiro, deveria encontrar hoje grande reverberação.

Tradução: Teresa Cristina CARRETEIRO³

REFERÊNCIAS

AMADO, G.; AMBROSE, A. **The transitional approach to change**. Londres/Nova York: Karnac Books, 2001.

AMADO, G. Subjectivité limitée, travail et résonance psychique. In: CLOT, Y; LHUILIER, D. **Travail et santé: Ouvertures Cliniques**. Toulouse: ERES, 2010. p. 65-77.

³ Pós-doutora em Sociologia Clínica pela Université de Paris VII e professora titular do Programa de pós graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

AMADO, G.; BOUILLOUD, J. P.; LHUILIER, D.; ULMANN, A. L. **La créativité au travail**. Toulouse: ERES, 2017.

BOCCACE, J. **Le Décaméron**. Paris: Diane de Selliers Editeur, 2010.

BURKE, P. J. Workaholism in organizations: psychological and physical well-being consequences. In: ANTONIOU, A.; COOPER, C. (Ed.). **Research Companion to Organizational Health Psychology**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2005. p. 366-381.

CASTEL, R. **La insécurité sociale**. Paris: Seuil, 2003.

COHEN, D. **La crise du coronavirus signale l'accélération d'un nouveau capitalisme, le capitalisme numérique**. Disponível em:

https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/04/02/daniel-cohen-la-crise-du-coronavirus-signe-l-acceleration-d-un-nouveau-capitalisme-le-capitalisme-numerique_6035238_3232.html. Acesso em: 2 abr. 2020.

GAMMILL, J. **La position dépressive au service de la vie**. Paris: Press Editions, 2007.

JAQUES, E., Social systems as a defence against persecutory and depressive anxiety. In: KLEIN, M.; HEIMANN, P.; MONEY-KYRLE, R. (Ed.). **New Directions in Psychoanalysis**. Londres: Tavistock Publications, 1955. p. 478-498.

KAËS, R. **Les inconscients alliances**, Paris: Dunod, 2014.

LAFARGUE, P. **Le droit à la paresse**. Paris: Maspero, 1880.

LEWIN, K. **Psychologie dynamique**: Les relations humaine. Paris: PUF, 1959.

RUSSELL, B. **Éloge de l'oisiveté**. Paris: Éditions Alia, 1932.

STRAUSS-KAHN, D. **L'être, l'avoir et le pouvoir dans la crise**. Disponível em:

<https://www.leclubdesjuristes.com/blog-du-coronavirus/libres-propos/le-tre-lavoir-et-le-pouvoir-dans-la-crise/>. Acesso em: 10 abr. 2020.